

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)

A INVEJA EM FRANKENSTEIN, DE MARY SHELLEY: UM ESTUDO SOBRE AS
EMOÇÕES HUMANAS E OS ASPECTOS ROMÂNTICOS DA OBRA¹

ENVY IN FRANKENSTEIN, BY MARY SHELLEY: A STUDY ON THE HUMAN
EMOTIONS AND ROMANTIC ASPECTS OF THE NOVEL

José Jorge Moura Neto²

Cosmo Jadson Alves Leite³

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o sentimento de inveja na obra *Frankenstein*; ou, *o Prometeu Moderno*, obra escrita por Mary Shelley em 1818. A pesquisa parte da ideia de que a inveja está presente de forma intensa tanto em Victor Frankenstein, o criador, quanto na criatura por ele formada. Através da leitura da obra e do apoio em estudos teóricos, observa-se que a inveja é um dos principais motores que impulsionam os conflitos e tragédias da narrativa. O trabalho busca mostrar como essa emoção humana está ligada a sentimentos como rejeição, ambição, solidão e desejo de pertencimento. Além disso, o estudo relaciona essas questões com o contexto do movimento Romântico, que valorizava as emoções, os conflitos internos e a crítica ao avanço descontrolado da ciência. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa e bibliográfica, baseada na leitura de livros, artigos e textos acadêmicos que tratam da obra de Mary Shelley e de temas como emoções humanas, literatura gótica e Romantismo. A análise mostra que a inveja em *Frankenstein* não é apenas um sentimento passageiro, mas uma força central que move os personagens, influencia suas escolhas e ajuda a entender os dilemas morais, sociais e existenciais que ainda hoje permanecem atuais.

Palavras-chave: Inveja; Frankenstein; Emoções humanas; Romantismo; Mary Shelley.

ABSTRACT: This study aims to analyze the feeling of envy in the novel *Frankenstein; or, The Modern Prometheus*, written by Mary Shelley in 1818. The research is based on the idea that envy plays a strong and central role in the story, affecting both Victor Frankenstein, the creator, and the creature he brings to life. Through reading the novel and using theoretical support, it becomes clear that envy drives many of the conflicts and tragic events throughout the narrative. The study explores how envy is related to rejection, ambition, loneliness, and the deep human desire to belong and be accepted. In addition, the work connects these emotional aspects to the context of the Romantic movement, which emphasized strong emotions, inner struggles, and a critique of uncontrolled

¹Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Letras/Inglês, da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), campus Caraúbas, como requisito total para obtenção do título de licenciado em Letras/Inglês, em 2025.1.

²Jose Jorge de Moura Neto, discente do curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa. E-mail: jose.neto53231@alunos.ufersa.edu.br.

³ Professor orientador. E-mail: cosmoleite@ufersa.edu.br.

scientific progress. This is a qualitative and bibliographical study, based on academic books, articles, and essays that discuss Shelley's novel, human emotions, Gothic literature, and Romanticism. The analysis shows that envy is not just a passing emotion in *Frankenstein*, but a powerful force that shapes the characters, guides their actions, and helps us reflect on moral, social, and emotional challenges that still remain relevant today.

Keywords: Envy; Frankenstein; Human emotions; Romanticism; Mary Shelley.

1 INTRODUÇÃO

Publicado em 1818, *Frankenstein; or The Modern Prometheus*, de Mary Shelley, configura-se como uma obra seminal da literatura universal, cuja relevância transcende as fronteiras temporais e geográficas. Trata-se de um romance que, além de inaugurar uma tradição gótica e dialogar com os primórdios da ficção científica, aborda, de maneira contundente, temáticas profundamente humanas, como solidão, rejeição, ambição, vingança e, de forma particularmente expressiva, a inveja. Inserida no contexto sociocultural do século XIX, em meio às transformações advindas da Revolução Industrial, das discussões filosóficas iluministas e das primeiras inquietações acerca dos limites da ciência, a obra reflete os anseios, os temores e as contradições de uma sociedade em franca transição (Schor, 2003; Botting, 1996).

Nesse sentido, o presente trabalho propõe-se a realizar uma análise da inveja como elemento estruturante da narrativa, considerando não apenas como uma emoção isolada, mas como uma força propulsora dos principais conflitos que permeiam a relação entre Victor Frankenstein e sua criatura. A gênese da criatura não se restringe a um ato de superação dos limites humanos pela via da ciência, mas também revela aspectos emocionais e subjetivos que dialogam diretamente com as fragilidades humanas.

Victor, movido pela busca incessante por reconhecimento, prestígio e poder, sentimentos que, por sua vez, encontram-se profundamente imbricados na lógica da inveja, rompe as barreiras do natural para se tornar um “criador”. Paralelamente, a criatura, condenada à rejeição desde seu nascimento, desenvolve um intenso sentimento de inveja em relação aos seres humanos e, especialmente, à própria condição de humanidade que lhe é negada. A investigação parte do seguinte problema de pesquisa: como a inveja, enquanto emoção central, é representada em *Frankenstein*, e de que modo ela influencia os conflitos e as interações entre os personagens, refletindo as tensões sociais, culturais e emocionais do século XIX?

Diante desse panorama, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a presença e o papel da inveja no romance *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley, estabelecendo relações entre essa emoção, as características do movimento romântico e o

contexto histórico-social no qual a obra foi concebida. De forma específica, objetiva-se: a) identificar passagens que evidenciam a materialização do sentimento de inveja na trama; b) examinar de que maneira esse sentimento influencia a dinâmica relacional entre os personagens; e c) compreender como a inveja se articula com os valores, as tensões e as contradições presentes no contexto do Romantismo.

A hipótese que sustenta esta análise é de que a inveja, manifestada tanto no criador quanto na criatura, atua como vetor determinante dos eventos centrais da narrativa, sendo responsável pela eclosão dos conflitos que conduzem a obra ao seu desfecho trágico. Assim, a inveja não se apresenta apenas como um sentimento episódico ou isolado, mas como um dispositivo narrativo que tenciona e estrutura toda a dinâmica da história.

A escolha por essa abordagem se justifica pela riqueza simbólica e filosófica do romance de Mary Shelley, cuja atualidade permanece evidente diante dos debates contemporâneos acerca dos limites éticos da ciência, das relações humanas e das consequências emocionais, da rejeição e da busca incessante por pertencimento. Refletir sobre a inveja em *Frankenstein* não se restringe, portanto, a um exercício de análise literária, mas constitui uma oportunidade de compreender, em perspectiva crítica, os dilemas existenciais que atravessam a condição humana, tanto no século XIX quanto na contemporaneidade.

Para sustentar teórica e metodologicamente esta proposta, o trabalho se apoia em um arcabouço teórico constituído por autores e estudos que dialogam diretamente com a temática. Dentre eles, destaca-se *O Mito de Frankenstein*, de Araújo, Almeida e Beccari (2024), que oferece uma leitura filosófica e simbólica da obra; o artigo *O Duplo em Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, de Santos (2022), que discute as noções de alteridade, espelhamento e conflito interno presentes na narrativa, o que permite compreender como os sentimentos, entre eles a inveja, operam como dispositivos estruturantes na construção dos conflitos literários. Soma-se a isso o suporte teórico do livro *Um percurso pelas literaturas de língua inglesa*, de Soares e Leszczynski (2023), que contribuiu para a compreensão do contexto histórico, literário e estético do período romântico.

A estrutura deste trabalho está organizada em cinco seções principais. A primeira seção, ora apresentada, compreende a introdução, na qual foram expostos o tema, os objetivos, o problema de pesquisa, a hipótese, a justificativa e a organização do estudo. A segunda seção é dedicada à fundamentação teórica, na qual se aborda o contexto histórico-literário do Romantismo, com ênfase em suas principais características e influências. Além disso, contempla alguns apontamentos teóricos acerca da obra *Frankenstein; ou o Prometeu Moderno*, considerando sua relevância para a literatura e a cultura. Esta seção também estabelece os

referenciais teóricos que fundamentam a análise proposta, especialmente no que se refere à representação das emoções humanas no desenvolvimento da narrativa.

A terceira seção contempla a metodologia, com a descrição dos procedimentos adotados para a realização da pesquisa, incluindo os critérios de análise e seleção de dados textuais. A quarta seção é dedicada à análise e discussão dos resultados, no qual se realiza uma reflexão aprofundada sobre como as emoções humanas, especialmente o sentimento de inveja, são representadas na obra, além de evidenciar os aspectos do Romantismo presentes na construção das personagens e na própria narrativa. Por fim, a quinta seção contempla as conclusões a que se chegou com a escrita do estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de apresentar e dialogar com as principais teorias e autores que servem de base para esse estudo, nesta seção de fundamentação teórica, serão discutidos os principais pontos e aspectos teóricos que surgem como discussão e alicerce para a escrita deste artigo. Nas duas subseções a seguir, são fundamentados pontos relevantes que se relacionam com a importância da obra literária estudada e analisada, assim como com o movimento literário que a contextualiza.

Na primeira subseção, é discutido e teorizado acerca do Romantismo na literatura e quais as concepções que definem esse movimento literário e intelectual, responsável pelo surgimento de várias obras famosas e canônicas na literatura – entre elas, *Frankenstein*; e na segunda subseção, é estudada a importância e a relevância de *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, dentro da literatura e em outras instâncias em que a obra é difundida, como o cinema e suas margens culturais.

2.1 O Romantismo na Literatura

O Romantismo privilegiava as emoções e a complexidade da experiência humana, características que permeiam *Frankenstein*. A inveja, tanto de Victor Frankenstein em relação à sua criação quanto da criatura em relação aos humanos, será analisada à luz das teorias literárias e dos artigos acadêmicos que discutem os valores românticos, os limites do progresso científico e as ansiedades sociais do século XIX.

Como destaca Almeida (2023), *Frankenstein* representa uma síntese poderosa dos temas românticos, uma vez que coloca em tensão a razão científica e a emoção humana, além de

explorar o sofrimento causado pela rejeição social e os dilemas éticos do criador diante de sua criação. A autora afirma que Mary Shelley usa a narrativa romanesca para refletir sobre as consequências morais de ultrapassar os limites impostos pela natureza e pela sociedade.

De acordo com Klein (1991), em seu livro *Inveja e Gratidão*, o romantismo foi um movimento que deu mais importância às emoções e à imaginação do que às regras clássicas e ao pensamento iluminista, colocando no centro de suas narrativas a subjetividade, a emoção e a complexidade da experiência humana. Em oposição à racionalidade e ao ideal de progresso linear da ciência, a autora romântica explora os dilemas internos do indivíduo, o poder da imaginação e a relação entre o homem e a natureza, muitas vezes representando-a como um reflexo do estado emocional das personagens, assim como o doutor Victor Frankenstein sobre ao saber como deu vida ao seu monstro, flagelando-se internamente.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o Romantismo surgiu em um momento de ruptura com os ideais iluministas e neoclássicos embora que essa ruptura não tenha sido total, enfatizando assim o mundo interior do indivíduo e dando espaço a sentimentos como angústia, desejo, revolta e paixão. Como afirma Abrams (1999), o Romantismo pode ser entendido como uma revolução na sensibilidade, na qual o foco desloca-se da razão objetiva para a expressão subjetiva da alma humana. Assim, *Frankenstein* representa de forma exemplar esse espírito romântico ao apresentar personagens movidos por emoções intensas e conflitos existenciais profundos.

Dentro desse cenário, a literatura romântica frequentemente abordava temas como a melancolia, o isolamento, a busca pelo inatingível e a transgressão de limites, seja morais, científicos ou sociais. *Frankenstein*, de Mary Shelley, insere-se nesse contexto ao problematizar as consequências do avanço da ciência sobre a natureza humana e os dilemas éticos que surgem desse ponto. Dialoga diretamente com conceitos explorados por Girard (1990) em *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*, especialmente no que tange ao sentimento da inveja e ressentimento, que podem levar à desordem e destruição, criando, assim, uma intercessão com temas essenciais ao Romantismo, como a solidão, identidade e a própria inveja, que é debatida neste presente estudo.

Esse clima de tensão e sofrimento está ligado às emoções intensas que marcam a literatura romântica. O Romantismo valorizava sentimentos profundos, a reflexão interior e os dilemas da existência, criando um cenário ideal para o surgimento de conflitos emocionais, como os vividos por Victor Frankenstein e sua criatura. Dentro desse contexto de angústia, solidão e busca por um sentido na vida, a inveja aparece como uma força silenciosa, mas muito poderosa, que influencia as escolhas e atitudes dos personagens.

O próprio ambiente sombrio, característico do romance gótico, que é uma vertente do Romantismo, e em que se insere *Frankenstein*, reforça essa atmosfera de sofrimento e intensidade. Como observa Punter (1996), o gótico romântico enfatiza o irracional, o estranho e o emocional, expondo as fragilidades humanas diante do desconhecido e do incontrolável. Nessa ambientação marcada pelo mistério e pelo grotesco, a inveja ganha contornos dramáticos e simbólicos, revelando o quanto o desejo de ser amado, reconhecido ou aceito pode se transformar em rancor e violência e ainda complementa falando que:

Ao longo do século XIX e até o XX, pode ser possível explicar a persistência dos símbolos góticos centrais nos mesmos termos. Esses símbolos, podemos dizer, foram forjados como uma resposta a um período de trauma social; e talvez esse trauma seja algo que a cultura britânica ainda esteja tentando, de maneiras cada vez mais sofisticadas, compreender (Punter, 1996, p. 112).

A inveja se destaca como um dos sentimentos mais antigos e complexos do ser humano. Na obra estudada, ela não aparece apenas de forma pontual, e sim um elemento central da história. A inveja atravessa toda a narrativa como uma energia destrutiva que afeta tanto o criador quanto a criatura, mostrando relações marcadas por desejo de poder, rejeição e vontade de ser reconhecido. Muitas vezes disfarçada de ambição, orgulho ou ressentimento, a inveja se revela como o verdadeiro motor das tragédias que ocorrem ao longo da obra, abalando os laços humanos e mostrando os limites morais e emocionais dos personagens.

Essa visão encontra eco nas palavras de Rousseau (2004), pensador profundamente admirado pelos românticos, para quem o ser humano nasce bom, mas é corrompido pelas instituições sociais. A criatura de Frankenstein, inicialmente inocente e curiosa, torna-se violenta após experimentar o abandono, a exclusão e o preconceito. A inveja, nesse contexto, é um sintoma da fratura entre o eu e o outro, entre o desejo de pertencimento e a realidade da rejeição.

Assim, a obra de Shelley torna-se também uma crítica às estruturas sociais que alimentam o ressentimento e a hostilidade. Desse modo, *Frankenstein* se configura como uma obra essencialmente romântica não apenas em sua forma e ambientação, mas principalmente em seu conteúdo temático, a interioridade humana, a transgressão dos limites, a dor da existência e, acima de tudo, o sentimento de inveja como catalisador de conflitos trágicos. Ao expor os efeitos devastadores da incompreensão, da ambição e do isolamento, Mary Shelley constrói uma narrativa que continua a dialogar com as emoções humanas mais profundas, características fundantes do espírito romântico. Na sequência, será examinada a forma como a inveja se manifesta na relação entre Victor Frankenstein e sua criatura, revelando como esse

sentimento contribui para o agravamento dos conflitos, para o isolamento dos personagens e também para a construção do final trágico da obra.

2.2 Frankenstein ou o Prometeu Moderno: da Literatura ao Cinema

Publicado em 1818, *Frankenstein; ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley, é uma obra fundamental da literatura mundial, cuja influência ultrapassa seu tempo e seus estilos. Escrito quando Shelley tinha apenas 19 anos, o romance não apenas reforça o estilo gótico, com sua atmosfera sombria e misteriosa, como também abre caminho para o nascimento da ficção científica.

No dia 1º de janeiro de 1818, o romance *Frankenstein* de Mary Shelley foi publicado pela primeira vez em uma edição anônima de três volumes com 500 cópias. Alguns achavam que o livro tinha implicações demasiado radicais. Outros achavam o tema central intrigante... ninguém previu seu sucesso. Este livro [...] traça, de maneiras coloridas e envolventes, a jornada de *Frankenstein* de Shelley, desde a literatura de edição limitada até a corrente sanguínea da cultura contemporânea (Frayling, 2017, p. 2).

Mais do que isso, o livro se tornou um símbolo duradouro das preocupações modernas com os avanços da ciência, com as crises de identidade humana e com os limites morais envolvidos na criação da vida, como aponta Queiroz (2020).

No momento de sua publicação, a Europa vivia um período de intensas transformações sociais, científicas e filosóficas. A Revolução Industrial modificou a relação do ser humano com a natureza, o trabalho e o próprio corpo. Os ideais iluministas, que exaltavam a razão e o progresso científico, começavam a ser questionados. Já era perceptível, como afirma Schoeck (1996), o medo de que a ciência, sem limites morais, pudesse trazer consequências desastrosas. Foi nesse cenário que Mary Shelley escreveu sua obra, levantando dúvidas profundas sobre até onde o ser humano pode ir em sua busca por poder e conhecimento, e quais responsabilidades deve assumir por aquilo que cria.

A história gira em torno de Victor Frankenstein, um cientista fascinado pela ideia de dar vida a algo morto. Quando consegue criar uma criatura viva, feita com partes de cadáveres, ele se assusta com o resultado e a abandona. Essa criatura, apesar de ser sensível e inteligente, sofre com o isolamento, o desprezo e a falta de carinho. Assim, o livro apresenta duas figuras centrais: o criador que foge de sua responsabilidade e a criatura que sofre por não ser aceita. O subtítulo “O Prometeu Moderno” faz referência ao mito grego de Prometeu, que desafiou os deuses ao dar o fogo aos humanos e foi castigado por isso, esse castigo simboliza a dor eterna da transgressão, que permeava na trajetória trágica de Frankenstein. Shelley usa essa comparação

para mostrar que o cientista moderno, como Prometeu, corre o risco de sofrer as consequências por ultrapassar limites que talvez não devessem ser cruzados.

Com o passar dos anos, *Frankenstein* foi sendo relido e reinterpretado de várias formas. Sua estrutura de cartas e pontos de vista diferentes entre o criador e a criatura atraiu a atenção de estudiosos de várias áreas. Em universidades, o livro passou a ser estudado em campos como a bioética, os estudos de gênero, a literatura, a psicologia e a sociologia. A criatura virou símbolo do diferente, do excluído, do que é rejeitado pela sociedade, enquanto Victor Frankenstein passou a representar o cientista moderno, que se vê diante dos efeitos e do erro da sua própria ambição.

Posar e responder a questões estéticas em termos da relação da arte com o artista, em vez de com a natureza externa, o público ou os requisitos internos da própria obra, foi a tendência característica da crítica moderna [...]. Esse ponto de vista é muito jovem se comparado aos dois mil e quinhentos anos de história da teoria ocidental da arte (Abrams, 1971, p. 8).

Fora do meio literário, *Frankenstein* teve um enorme e duradouro impacto na cultura popular, especialmente a partir do século XX. A obra de Mary Shelley ultrapassou as páginas dos livros e começou a ganhar novas formas de expressão. Embora tenha havido adaptações anteriores, foi o filme de 1931, dirigido por James Whale e estrelado por Boris Karloff, que realmente fixou a imagem da criatura no imaginário coletivo. Nessa versão, a figura do “monstro” foi retratada com características que se tornaram icônicas: parafusos no pescoço, corpo costurado e um andar desajeitado e vagaroso, criando um visual que seria reconhecido mundialmente nas décadas seguintes.

O legado de *Frankenstein* pode ser visto por todo o mundo nas telas pequenas e grandes, na mídia impressa e online, no palco e em outdoors, quadrinhos e até mesmo em embalagens de cereais. De um pesadelo da Regência, a criatura de *Frankenstein* se tornou até mesmo um companheiro fofinho da infância completamente “monstruado”, por assim dizer (Frayling, 2017, p. 2).

A partir desse marco cinematográfico, *Frankenstein* e sua criatura passaram a aparecer de forma recorrente e constante em diferentes tipos de mídia, como filmes de terror e comédia, peças de teatro, histórias em quadrinhos, desenhos animados, séries de televisão, além de servirem como inspiração para inúmeras músicas e referências culturais em geral. Além do cinema, a criatura de *Frankenstein* tornou-se presença frequente em festivais de Halloween, propagandas, videogames e até em brinquedos. Sua imagem foi adaptada tanto em contextos de humor quanto de terror, mostrando a versatilidade simbólica que o personagem adquiriu ao

longo do tempo. Em muitas produções, o nome “Frankenstein” passou a ser associado diretamente ao monstro, embora no romance original ele se refira ao criador, Victor Frankenstein (Frayling, 2017).

Essa presença constante na cultura popular não apenas manteve a obra viva, mas também ajudou a renová-la. Ao longo do tempo, *Frankenstein* influenciou outras produções importantes, como *A Noiva de Frankenstein* (1935), *Edward Mãos de Tesoura* (1990), e séries como *Penny Dreadful* (2014-2016). Cada uma dessas releituras traz à tona aspectos diferentes da obra original, como a solidão da criatura, o dilema moral do criador, o medo do progresso e o desejo de ser aceito. Isso mostra como a história escrita por Mary Shelley é rica e pode ser compreendida de muitas formas.

Além disso, a figura da criatura criada por Victor Frankenstein influenciou diretamente a criação de muitos personagens e narrativas ao longo da cultura moderna. Sua marca pode ser reconhecida em figuras como o Hulk, dos quadrinhos da Marvel, que também representa um ser incompreendido e guiado por emoções extremas, em todos esses casos, aparece uma mesma ideia central: a de uma criação que foge ao controle de seu criador, que desafia as expectativas e que busca ser reconhecida como algo mais do que apenas um experimento como um ser com desejos, emoções e direito à existência. Sobre a alteração nas metáforas de criação, Abrams (1971) acrescenta:

A mudança da crítica neoclássica para a crítica romântica pode ser formulada, de maneira preliminar, como uma alteração radical nas metáforas típicas do discurso crítico. O trazer à tona analogias submersas coloca certos fatos antigos sob uma nova e, ao que me parece, uma perspectiva reveladora (Abrams, 1971, p. 3).

Por tudo isso, *Frankenstein* deixou de ser apenas um romance para se tornar um verdadeiro mito moderno. Sua presença constante nas discussões acadêmicas, nas obras culturais e no imaginário popular que mostra que a história de Victor Frankenstein e sua criatura continua sendo atual. A obra continua a nos fazer pensar sobre quem somos, o que criamos, e quais são os limites morais, emocionais e sociais que precisamos respeitar para não sermos destruídos por nossas próprias ambições.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica, com foco na análise interpretativa do sentimento de inveja nas relações entre os

personagens da obra *Frankenstein; ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de interpretar os significados simbólicos, emocionais e sociais da inveja ao longo da narrativa, considerando os conflitos existenciais que permeiam a trama.

Segundo Gil (2002, p. 51), a pesquisa qualitativa se caracteriza por não utilizar instrumentos estatísticos como base de análise, mas por valorizar o significado, as motivações e as relações entre os fenômenos observados: “A pesquisa qualitativa se caracteriza por não empregar instrumentos estatísticos como base de processo de análise, valorizando o significado, as motivações e as relações entre os fenômenos observados”. Tal abordagem permite compreender profundamente os elementos subjetivos presentes na obra literária, aspecto essencial para a proposta deste estudo.

Além disso, foi adotada uma abordagem exploratória, pois esta busca proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, tornando-o mais explícito e favorecendo uma compreensão aprofundada da representação da inveja nas relações entre as personagens de *Frankenstein*. Segundo Gil (2002, p. 41), “a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”. Essa abordagem me permite analisar o tema de maneira detalhada, investigando suas múltiplas dimensões e suas conexões com o contexto histórico, social e literário em que a obra se insere.

A natureza exploratória da pesquisa possibilita levantar novos questionamentos ao longo do processo, permitindo ajustes e reorientações sempre que necessário. Essa flexibilidade metodológica é essencial para que se possa captar as nuances emocionais e os significados simbólicos que a inveja assume na narrativa, especialmente quando relacionada aos ideais e contradições do Romantismo. Além disso, a exploração detalhada do tema favoreceu o estudo ao articular diferentes áreas do conhecimento, como a psicologia das emoções, a teoria literária e a crítica social, enriquecendo a análise e ampliando o alcance interpretativo dos resultados.

Dessa forma, a opção por uma pesquisa exploratória não apenas orienta o percurso metodológico, mas também oferece condições para desenvolver uma reflexão mais ampla e crítica sobre a construção literária da inveja, evidenciando sua relevância tanto como tema central da obra quanto como elemento de crítica ao contexto cultural e científico da época.

No que diz respeito aos procedimentos técnicos, foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica, uma vez que o estudo se baseia na análise de materiais já publicados, como livros, artigos científicos, teses e dissertações que abordam *Frankenstein*, de Mary Shelley, e também temas correlatos, como a inveja, as emoções humanas e os traços do Romantismo na literatura. Segundo Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já

elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Essa abordagem permite reunir diferentes interpretações e contribuições teóricas consolidadas sobre a obra, servindo como base para o desenvolvimento da análise que proponho.

A partir do estudo dessas fontes, buscou-se compreender como estudiosos e críticos discutem as emoções humanas na obra, com um foco maior na inveja, além dos aspectos históricos, filosóficos e estéticos relacionados ao movimento romântico. Esse processo contribuiu para a construção de um referencial teórico consistente, que orienta a leitura crítica da narrativa e fundamenta as reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho.

Utilizou-se materiais de natureza diversa e atualizada advindos da crítica literária, da psicologia e da teoria das emoções com o objetivo de ampliar a compreensão acerca dos sentimentos vivenciados pelos personagens e da forma como essas emoções são representadas no contexto do Romantismo. Considera-se essa etapa essencial para garantir que a análise interpretativa esteja fundamentada em bases sólidas, assegurando coerência, profundidade e rigor ao estudo.

A investigação desenvolve-se em duas etapas principais: na primeira, realiza-se uma leitura minuciosa e criteriosa do romance *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, com o objetivo de identificar e selecionar trechos que evidenciam a presença da inveja nas relações entre Victor Frankenstein e sua criação. Buscou-se destacar passagens que revelam, de maneira explícita ou simbólica, os sentimentos de rivalidade, desejo de posse e destruição característicos da inveja. Essa análise inclui a construção de fichamentos analíticos, nos quais são descritos o contexto narrativo, os conflitos emocionais e os aspectos linguísticos e simbólicos das passagens selecionadas.

Paralelamente, realiza-se uma revisão bibliográfica com o intuito de aprofundar a fundamentação teórica. Nessa etapa, são consultadas obras de referência, como o trabalho de Melanie Klein (1991), que oferece uma compreensão psicanalítica da inveja como emoção primitiva e destrutiva, e a obra de Helmut Schoeck (2001), que aborda a inveja sob uma perspectiva sociológica. Além disso, o estudo de Santos (2022), que analisa o conceito de “duplo” em *Frankenstein*, contribui para a reflexão sobre os conflitos psicológicos e emocionais que estruturam a relação entre criador e criatura, aprofundando a discussão sobre a inveja enquanto força motivadora do enredo.

Na segunda etapa da pesquisa, é realizada uma análise interpretativa, buscando estabelecer relações entre a inveja presente na obra e os valores centrais do Romantismo, movimento literário ao qual *Frankenstein* pertence. Como observa Gil (2002, p. 61), “a análise qualitativa envolve a decomposição, a classificação e a recomposição dos dados, procurando

estabelecer relações significativas que conduzam a uma interpretação compreensiva do fenômeno estudado”. Neste sentido, aspectos como a exaltação das emoções, o individualismo, a tensão entre o homem e a natureza, e a crítica ao avanço científico desmedido são analisados com o objetivo de contextualizar a representação da inveja dentro das características estéticas e ideológicas do Romantismo.

Por fim, a pesquisa oferece uma leitura crítica e contextualizada da inveja em *Frankenstein*, articulando sua presença narrativa com questões mais amplas da estética romântica, da psicologia das emoções humanas e dos dilemas éticos e científicos que marcam o início do século XIX.

Dessa forma, busca-se contribuir para os estudos literários ao evidenciar como a inveja, enquanto emoção complexa, desempenha um papel estruturante na dinâmica entre os personagens e nos conflitos que movem a trama.

4 FRANKENSTEIN; OU O PROMETEU MODERNO: AS EMOÇÕES HUMANAS E ASPECTOS DO ROMANTISMO PERSONIFICADOS NO SENTIMENTO DA INVEJA

Como foco principal do estudo, este capítulo dedica-se a uma reflexão aprofundada sobre como as emoções humanas, com destaque para o sentimento de inveja, são representadas na obra *Frankenstein; ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley. Evidencia-se também os principais aspectos do Romantismo presentes na construção das personagens e na própria narrativa, demonstrando como a inveja atua como força motriz das ações e conflitos que permeiam a história.

A inveja, como emoção primitiva e universal, aparece como elemento central para compreender tanto a trajetória de Victor Frankenstein quanto a da criatura por ele criada. Conforme descreve Klein (1991):

A inveja é um sentimento primitivo, profundamente enraizado na mente do bebê desde seus primeiros meses de vida. É a experiência de desejar algo que o outro possui, especialmente aquilo que é percebido como bom, como o seio materno, fonte de nutrição e satisfação. No estado invejoso, o bebê não apenas deseja possuir o que o outro tem, mas também sente o impulso de destruir ou estragar aquilo que é valorizado pelo outro. É um sentimento que não reconhece a bondade do outro, mas a deseja para si mesmo ou quer vê-la perdida. Se não for adequadamente elaborada e integrada, essa inveja pode causar danos profundos ao desenvolvimento emocional, levando a atitudes destrutivas e dificuldades nos relacionamentos futuros (Klein, 1991, p. 207-208).

Essa leitura psicanalítica é muito importante para entender a principal dinâmica da obra de Mary Shelley. Tanto Victor Frankenstein quanto sua criatura sentem inveja, cada um de um jeito, mas ambos de forma bastante destrutiva. No caso de Victor, sua inveja é voltada para a própria natureza e para os limites que existem sobre o ser humano. Ele quer ultrapassar esses limites e ter um poder que não é natural, quase como se quisesse competir com Deus. Seu desejo de criar vida mostra essa ambição exagerada.

Em certo momento da história, Victor afirma que não se contentaria com o que já tinha sido feito por outros cientistas e que iria além, explorando caminhos desconhecidos, descobrindo novas forças e revelando ao mundo os mistérios da criação (Shelley, 2021, p. 46). Essa fala mostra o quanto ele queria superar tudo e todos, movido por uma inveja que não tem um alvo específico, mas que é direcionada ao próprio poder de criar e transformar a vida. No fundo, Victor tenta provar que pode ser maior do que os limites da condição humana.

Por sua vez, a criatura, ao tomar consciência de sua marginalização social e emocional, passa a desejar intensamente aquilo que os humanos possuem, aceitação, amor e pertencimento. Sua frustração o leva a sentimentos destrutivos que o fazem direcionar sua raiva e inveja tanto contra seu criador quanto contra a sociedade. Como destaca Klein (1991), esse impulso de querer possuir e destruir o objeto invejado se reflete claramente na relação entre ambos.

Esse conceito é fundamental para compreender a dinâmica central da obra Frankenstein, em que a inveja atua como motor das ações tanto do criador quanto da criatura. Victor Frankenstein manifesta uma inveja quase divina, ele deseja ultrapassar os limites humanos e conquistar o poder da criação da vida, um atributo que pertence apenas ao sagrado ou natural, porém, esse seu desejo lhe causa dores internas que nem ele mesmo poderia suportar.

Você pode facilmente perceber, Capitão Walton, que sofri grandes e inigualáveis infortúnios. Tinha decidido que a lembrança desses infortúnios iria morrer comigo; mas você me cativou a ponto de fazer-me alterar essa decisão. Tal como fiz outrora, você busca por conhecimento e sabedoria; e espero que a satisfação desses desejos não venha a tornar-se uma serpente que lhe inocule seu veneno, como a mim sucedeu. Ainda assim, quando reflito que você está seguindo o mesmo curso, expondo-se aos mesmos perigos que me tornaram o que sou, imagino que possa tirar algum proveito da minha história; e que possa orientá-lo se você tiver sucesso em seu empreendimento e consolá-lo no caso de fracasso. Prepare-se para ouvir o relato de fatos que normalmente poderiam ser considerados maravilhosos. Estivéssemos em outro ambiente, como o que em outras épocas cercava o nosso dia a dia, temeria sua descrença e ridicularização (Shelley, 2021, p. 23-24).

Essa ambição desmedida de Victor já é anunciada no início de sua narrativa a Walton, quando ele revela os perigos da busca excessiva por conhecimento e adverte sobre os próprios

erros. Fazendo um contraponto, a criatura, consciente de sua condição marginal e da capacidade dos humanos para experiências e relações que ele não possui, experimenta a inveja de tudo aquilo que lhe é negado, o que o leva a um impulso destrutivo contra seu próprio criador e contra a sociedade que o rejeita.

Nesse sentido, a inveja descrita por Klein (1991) como um impulso que deseja possuir e ao mesmo tempo, destruir o objeto invejado se reflete na relação entre Frankenstein e sua criatura, revelando um conflito que ultrapassa a esfera pessoal. Portanto, compreender a inveja como um sentimento primitivo e destrutivo ajuda a iluminar os conflitos internos e externos presentes em *Frankenstein*, reforçando sua importância não apenas como uma narrativa gótica, mas como uma reflexão profunda sobre os dilemas do ser humano moderno e os riscos do avanço científico desmedido.

A inveja é uma força motriz que está no cerne da vida do homem como ser social, e manifesta-se assim que dois indivíduos se tornam capazes de se comparar mutuamente. Esse impulso de comparar-se de forma invejosa com os outros pode ser observado em alguns animais, mas no homem adquiriu um significado especial, como Schoeck (2001) destaca:

O homem é um ser invejoso que, não fosse pelas inibições sociais despertadas no objeto de sua inveja, teria sido incapaz de desenvolver os sistemas sociais aos quais todos pertencemos atualmente. Se não fôssemos constantemente obrigados a levar em conta a inveja dos outros quanto aos prazeres extras que obtemos ao nos desviarmos de uma norma social, o controle social não poderia funcionar (Schoeck, 2001, p. 3).

Com base nessa perspectiva, torna-se evidente que tanto Victor Frankenstein quanto sua criatura são personagens que vivem em um universo social permeado pela inveja e pelo ressentimento, sentimentos que moldam suas relações e motivam suas ações. Victor, ao desafiar as normas morais, científicas e sociais de sua época, representa o indivíduo que ultrapassa limites impostos pela sociedade e pela natureza, numa busca obsessiva por poder e reconhecimento. Essa ousadia, no entanto, não ocorre sem consequências, pois seu ato de criar vida fora dos parâmetros aceitos o isola e o torna alvo de sua própria frustração e culpa. Assim, a inveja que habita Victor não é direcionada a uma pessoa específica, mas a um ideal de domínio absoluto, uma vontade de possuir o poder divino da criação que ultrapassa os limites humanos.

Por outro lado, a criatura encarna o papel do marginalizado social, aquele que é rejeitado pela humanidade e privado das experiências básicas de afeto, aceitação e pertencimento. A inveja reprimida que ela sente diante da vida social plena dos humanos se acumula e se transforma em uma força destrutiva, que se manifesta em atos de violência e vingança contra seu criador e contra a sociedade que o exclui é importante ressaltar que a inveja jamais está

sozinha no universo dos sentimentos humanos, ela vem quase sempre acompanhada da raiva, que potencializa seu impacto emocional e suas consequências sociais e pessoais.

Em *Frankenstein*, o sentimento de inveja é representado de forma explícita principalmente através da voz da criatura, especialmente durante sua convivência observacional com a família de Lacey. Ao testemunhar a felicidade, os laços afetivos e o convívio harmonioso entre os membros daquela família, a criatura desenvolve um desejo intenso de pertencer a esse grupo, buscando amor, aceitação e reconhecimento. No entanto, a consciência de que será sempre excluída e temida pela sua aparência grotesca desperta nela um profundo sentimento de frustração e inveja. Essa emoção é descrita de maneira marcante quando a criatura relata suas leituras de *O Paraíso Perdido*, de John Milton. A obra desperta nela uma identificação dolorosa com personagens como Adão e, principalmente, com Satanás, nas palavras da própria criatura:

O *Paraíso Perdido* produzia em mim emoções muito mais profundas. Li o livro, tal como os outros volumes de que me apossara, como se fosse história verdadeira, que, nesse caso, me despertava todos os sentimentos de admiração e terror que a figura de um deus onipotente, combatendo suas próprias criaturas, era capaz de excitar. Por vezes relacionava várias situações com a minha própria. Assim como Adão, não tinha ligação de qualquer espécie com outros seres, mas suas condições eram bem diferentes das minhas em todos os sentidos. Ele fora produzido pelas mãos de Deus como criatura perfeita e feliz, sob a proteção de seu Criador; tinha a faculdade de comunicar-se com seres de natureza superior e absorver deles o conhecimento, mas eu era desgraçado, desamparado e sozinho. Muitas vezes considerei Satanás como um símbolo mais adequado à minha condição. De fato, não poucas vezes, o fel da inveja me dava pontadas ao ver a felicidade dos meus protetores (Shelley, 2021, p. 147).

Esse trecho descreve com clareza como a criatura, ao comparar sua existência solitária com a de Adão e Satanás, desenvolve uma inveja profunda não apenas da família que observa, mas também da própria condição da humanidade. A criatura inveja a criação perfeita e protegida de Adão. A referência direta ao fel da inveja demonstra o quanto esse sentimento se enraizou em sua percepção de mundo, tornando-se a força motriz emocional que alimenta sua dor.

Um dos momentos mais marcantes da manifestação da inveja na obra ocorre quando Victor Frankenstein, tomado por medo e reflexão moral, decide destruir a companheira que estava criando para a criatura. Nesse momento, a narrativa destaca a reação desesperada e violenta da criatura ao presenciar a destruição daquilo que representava sua única chance de felicidade e pertencimento social:

Pensar que estava em vias de criar um ser semelhante! Tomado de fúria, num acesso bem próximo da loucura, apanhei o que me estava à mão para usar como arma destruidora e fiz em pedaços a estrutura que começava a tomar forma definitiva. O desgraçado me viu destruir a criatura de cuja existência futura ele dependia para a felicidade, e com um uivo de desespero diabólico e vingança se retirou. Saí da sala e, trancando a porta, fiz um voto solene em

meu próprio coração para nunca mais retomar meus trabalhos (Shelley, 2021, p. 192).

Esse trecho aponta como a inveja da criatura chega ao seu ponto mais alto. Durante toda a história, a criatura sofre por estar sozinha, sem amor, sem amigos e sem ninguém que a aceite. A criação de uma companheira representava a esperança de que, finalmente, ela teria alguém com quem dividir a vida, alguém que também fosse rejeitado pela sociedade, mas que a entenderia e a aceitaria. Essa era a chance de conseguir o que sempre invejava nos humanos: o amor, o carinho e a convivência com outro ser.

Quando Victor destrói a companheira inacabada, a criatura percebe que, mais uma vez, está sendo privada de qualquer chance de felicidade. Por isso, sua dor se transforma em raiva e desejo por vingança. ‘O uivo de desespero diabólico e vingança’ mostra que, a partir daquele momento, ela não queria mais ser amada ou, pelo menos, aceita na sociedade. Agora, seu único plano era fazer Victor sofrer, assim como ela vinha sofrendo.

A inveja que a criatura sentia das relações humanas de possuir uma família, de ter alguém ao lado, de ser aceita, de ter, de fato, uma companheira, em um estalar de dedos vira uma grandiosa força de destruição. Ela passa a agir com ódio, querendo atacar e destruir aquele que a fez sofrer. Como explica a psicanalista Klein (1991), quando a inveja não é bem resolvida dentro da pessoa, ela pode se transformar em um impulso de destruição contra aquilo ou aquele que representa o que a pessoa deseja, mas não pode ter.

Importante destacar que a inveja aqui não se configura como um sentimento sutil ou passageiro, mas sim como uma força poderosa e estruturante presente em toda a sociedade humana. Ela rege não apenas as emoções individuais, mas também as relações sociais e culturais que compõem o tecido humano.

No contexto do Romantismo, movimento ao qual a obra pertence, essa força ganha ainda mais destaque, pois o Romantismo valoriza as emoções intensas, os conflitos internos e a expressão das paixões humanas. A inveja nesse cenário, é personificada e ampliada como um motor essencial das ações humanas. De acordo com Punter (1996), em sua obra *The Literature of Terror*, a ficção gótica, da qual *Frankenstein* é um dos maiores representantes, trabalha com o excesso emocional e com o horror psicológico como formas de explorar os limites da condição humana. O autor ainda destaca que o terror gótico frequentemente dá forma física e narrativa a medos e desejos reprimidos, transformando emoções internas, como a inveja, em ações violentas e em conflitos exteriores.

Assim, a inveja em *Frankenstein* não é apenas um sentimento abstrato, mas um elemento estruturante da narrativa, reforçado pelos traços característicos do Romantismo e do

Gótico, como a luta contra o destino, a busca por poder e o confronto com as consequências de se desafiar as forças naturais. Dessa forma, a obra de Mary Shelley pode ser entendida como uma poderosa peça romântica em que a inveja, sempre acompanhada da raiva, personifica os dilemas e tensões do ser humano moderno, a busca pelo ilimitado, o confronto com as consequências de suas ambições e o sofrimento provocado pela rejeição social. A inveja, portanto, não é apenas um tema psicológico, mas o elo que conecta o íntimo das personagens ao contexto histórico, social e estético do Romantismo, revelando sua importância central na construção da narrativa e na mensagem ética e existencial do romance.

Cabe destacar o aspecto simbólico da figura do Prometeu, como apontado por Gonçalves (2021), Frankenstein assume o papel de Prometeu ao criar uma nova raça humana a partir de matéria orgânica inanimada, movido pela expectativa de ser amado em troca de sua ação benéfica e pelo desejo de fazer o bem à humanidade.

5 CONCLUSÃO

O objetivo geral deste estudo foi analisar a presença e o papel da inveja no romance *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley, estabelecendo relações entre essa emoção, as características do movimento romântico e o contexto histórico-social no qual a obra foi concebida. A análise da obra em questão permitiu compreender que o sentimento de inveja não apenas permeia a narrativa, mas a estrutura em sua totalidade, sendo uma força motriz central nos conflitos que envolvem tanto Victor Frankenstein quanto sua criatura. A inveja revelou-se uma emoção profundamente significativa e interessante de ser analisada, pois atua de maneira decisiva na construção das ações, escolhas e tragédias que se desenrolam ao longo da história.

Victor Frankenstein, ao desafiar os limites da natureza humana e aspirar ao poder de criar vida, assume para si o papel simbólico de Prometeu moderno. Sua ambição desenfreada, alimentada por um desejo de superação e glória, levanta a grande questão: vale a pena ter o poder da criação divina? A narrativa mostra que essa busca por ultrapassar os limites da condição humana cobra um alto preço, tanto emocional quanto existencial, conduzindo à dor, à culpa e ao isolamento. A criação, que deveria ser motivo de orgulho, torna-se fonte de sofrimento e destruição, revelando os perigos de uma ciência que ignora a responsabilidade ética e afetiva.

A criatura, por sua vez, evidencia a inveja de forma visceral. Rejeitada desde o início, ela passa a desejar aquilo que observa nos humanos: o amor, a aceitação e o pertencimento. Sua

inveja evolui em frustração e posteriormente, em vingança. Ao presenciar a destruição da companheira que representaria sua chance de felicidade, a criatura rompe de vez com qualquer esperança de reconciliação com a humanidade. Esse momento emblemático evidencia como a inveja, quando negada e não elaborada, pode gerar consequências devastadoras.

Além disso, a inveja que move as personagens em *Frankenstein* não é exclusiva deles. Como demonstraram as reflexões teóricas de Klein (1991) e Schoeck (1966), essa emoção primitiva e destrutiva está presente em todos nós. Ela se manifesta nos desejos não realizados, nas comparações constantes e nas frustrações que enfrentamos diante do que não possuímos. Shelley, ao dar forma literária à inveja em sua narrativa, convida o leitor a refletir sobre sua própria humanidade, seus limites e suas ambições.

Assim, é possível inferir que a inveja, mais do que um simples sentimento, é um elemento que conecta a dimensão íntima dos personagens ao contexto social, moral e existencial do século XIX e de que maneira continua presente nos dias atuais. A obra estudada não é apenas uma crítica ao avanço desmedido da ciência, mas uma reflexão profunda sobre o que nos torna humanos, sobre a dor de não pertencer e sobre os riscos de se aspirar ao poder que cabe apenas aos deuses.

O artigo contribuiu com a literatura e com os estudos acadêmicos ao ajudar a difundir a importância de *Frankenstein* como um dos maiores clássicos da literatura mundial, responsável por trazer à tona várias questões ligadas ao movimento romântico e às suas características. Além disso, ao explorar as inquietações existenciais, o embate entre razão e sentimento e a exaltação da natureza presentes na obra, reforça-se a relevância de *Frankenstein* não apenas como um romance de ficção científica, mas como um reflexo das tensões culturais e filosóficas do início do século XIX. Assim, compreender o romance sob a ótica do Romantismo amplia o horizonte interpretativo da obra e evidencia sua permanência no imaginário literário e intelectual contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, Meyer Howard. **The mirror and the lamp: romantic theory and the critical tradition.** Oxford: Oxford University Press, 1999.

ALMEIDA, Helen Helfenstein. **Frankenstein, de Mary Shelley: um estudo sobre monstrosidade.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

CARNEIRO, Monica Fontenelle; ARAÚJO, Naiara Sales; MUGSCHL, Sonia Maria Correa Pereira. Frankenstein da Literatura ao Cinema: Narrativas Triviais ou Tendências Contemporâneas?. **ARACÊ**, v. 6, n. 4, p. 11657-11671, 2024.

FRAYLING, Christopher. **Frankenstein: The First Two Hundred Years**. London: Reel Art Press, 2017.

FRANKENSTEIN. Direção: James Whale. Produção: Universal Pictures. Estados Unidos: Universal Pictures, 1931. 1 Midia Digital.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRARD, René. **Mentira romântica e verdade romanesca**. É realizações, 2009.

GONÇALVES, Alanis Zambrini. O monstro galvanizado: mito, religião e ciência em *Frankenstein*, de Mary Shelley. **Língua, Literatura e Ensino**, Campinas (SP), v. XVII, out. 2021.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão: e outros trabalhos 1946-1963**. Imago Editora, 1991.

PUNTER, David. **The Literature of Terror: A History of Gothic Fictions from 1765 to the Present Day**. London: Longman, 1996.

QUEIROZ, Clara. **Uma Mulher Singular: Mary Shelley (1797-1851)**. Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Obra original publicada em 1750).

SANTOS, Ewelyn Roanne Melo dos. **O Duplo em Frankenstein ou o Prometeu Moderno**. 46 f. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Inglês), Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

SCHOECK, Helmut. **A inveja: uma teoria dos comportamentos sociais**. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Tradução do original *Envy: A Theory of Social Behaviour*, 1966).

SCHOR, Esther. **The Cambridge Companion to Mary Shelley**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein; or, The Modern Prometheus**. Tradução de Erika Patricia Moreira. Editora Pé da Letra, 2021.

SOARES, Isabelle Maria; LESZCZYNSKI, Taynara (orgs.). **Um percurso pelas literaturas de língua inglesa**. Tutóia, MA: Editora Diálogos, 2023.

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho representa mais do que a finalização de uma etapa acadêmica; é também a concretização de um sonho que foi construído com o apoio de muitas pessoas.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me dar forças nos momentos de cansaço, dúvidas e incertezas. A toda a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), deixo minha gratidão por ter sido o espaço que me acolheu e formou, não apenas como estudante de Letras /Inglês, mas como ser humano crítico, sensível e comprometido com a educação.

Ao corpo docente do curso, minha sincera admiração e respeito. Cada professor contribuiu, à sua maneira, para minha formação intelectual e pessoal e sou profundamente grato por cada aula, orientação e palavra de incentivo. Em especial, agradeço ao professor Cosmo, pelas valiosas contribuições teóricas e pela dedicação que teve, não somente comigo, mas com todos os outros alunos. Sua orientação foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também aos meus amigos e companheiros de jornada, Giovanne Carlos e Adrielle, com quem dividi não apenas os desafios da graduação, mas também ideias, reflexões e momentos que enriqueceram esta trajetória. O fato de o tema do trabalho de Giovanne dialogar tão proximamente com o meu mostra como partilhamos, não apenas os estudos, mas também inquietações e interesses acadêmicos em comum. E, sem Adrielle, nada disso teria sido possível; sua presença constante e apoio foram fundamentais para que eu continuasse, mesmo nos momentos mais difíceis. A amizade de ambos foi um dos pilares desta caminhada.

A todos os que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória: meu sincero muito obrigado.